

# Mau-caratismo da extrema direita

Luiz Marques

24/08/2026

---

## 1.

A noção de “personalidade” remete à qualidade de uma pessoa. Na antiguidade era sinônimo da máscara do ator (*persona*). Depois, do ser humano genérico; um personagem no teatro da vida. “A metáfora implícita ainda pode nos assombrar”, frisa Raymond Williams (1921-1988), em *Palavras-chave*. A expressão “sociedade de espetáculo” recupera o significado teatral e o jogo das aparências no cotidiano.



Hoje quando o advogado alega que o cliente “perdeu sua personalidade e tornou-se instrumento passivo de um surto”, o argumento serve para minimizar os delitos graves. A individualização é uma atenuante de peso jurídico. Sem a consciência e o pensamento, os atos carecem de intenção; afastam uma acusação de dolo.

As adjetivações de personalidades individuais absolvem as incivildades. A tida por “irresistível” perdoa a sedução; “forte”, o *nonsense*; “fraca”, o senso comum; “dominante”, o autoritarismo; “fascista”, a opção pelo totalitarismo que é a versão contemporânea das relações exortadas no livro do *Primeiro Testamento* bíblico.

Sem mencionar as “personalidades de destaque” (*Very Important Persons, VIPs*). Os vencedores ocupam camarotes no desfile de carnaval, os únicos com direito a uma idiossincrasia sem adjetivos. Perdedores são figurantes na coreografia da luta de classes. O trabalho somente brilha na fantasia das escolas de samba. Ou nas revoluções, ao cobrar o que é devido aos oprimidos e explorados pelas “elites”.

## 2.

Todos e todas mantêm alguma personalidade na formação do “caráter”. O termo (*charakter*) na etimologia grega traduz uma marca, signos e símbolos gráficos do alfabeto. As variações retratam a humanidade, enquanto os fenótipos legitimam os estigmas qual o desatino do hino sul-riograndense ao culpar os escravizados, por uma escravidão forçada. “Povo que não tem virtude / Acaba por ser escravo”.

Os múltiplos elementos do que se chama caráter supera os traços do rosto. Desde o século XIX, a individualidade define-se antes no caráter que pela personalidade. *Habitus* presente no filme *Dona Flor e*

*seus dois maridos* (1976), de Bruno Barreto; adaptado do romance de Jorge Amado, onde a transgressão atrai dez milhões de espectadores às telas. Recorde batido por *Tropa de Elite 2* (2010), de José Padilha. Refilmado nos Estados Unidos com um título vago, *Meu adorável fantasma* (1982).

Na política, se repete o cacoete para esconder o conteúdo classista do candidato e os projetos representados por partidos. O *marketing* enfatiza o “bom pai”, “bom marido”. A despolitização da política vai ao encontro da média dos eleitores e, com uma moderação aristotélica, confere estabilidade sistêmica ao capitalismo. Faz de conta que o meio do rio caudaloso é mais prudente do que suas margens.

Os meios de comunicação se autoproclamam guardiões da democracia, apesar de apagar diferenças essenciais e igualar a disputa em um torneio entre os ruins e os piores, num desserviço ao público. Às desinformações se soma a ameaça do juízo final aos críticos da ordem imperialista. A erva daninha plantada na mídia hegemônica incensa os preconceitos e as mentiras nos novos profetas de Canaã.

Sábio e generoso, o presidente Lula no lançamento oficial da candidatura não contesta as afinidades eletivas e afetivas da massa. “Posso mentir para um chefe de Estado, lá fora, mas não posso mentir para vocês (o povo)”. Como o pastor do bem comum, reconduz a cidadania desgarrada ao seio da nação, reafirma o apelo à união pela soberania nacional e ajuda a dissipar os ódios e os ressentimentos.

### 3.

O neofascismo cresce com a alavanca do inimigo externo, a imigração, tornada a razão do mal-estar na Europa e nos EUA. No Brasil, mira um inimigo interno – em especial, o Partido dos Trabalhadores (PT) – com o apoio ativo da Rede Globo e do Judiciário. A “guerra de posição” cede então a uma “guerra de movimento” contra a organização política dos setores laboriosos. O *lawfare* surge em tal contexto.

Jair Bolsonaro é fruto da estratégia das classes dirigentes no combate à oposição democrática dos regimes de exceção. O Bozo sobrevive três décadas nos porões do baixo clero federal ao fim da ditadura militar. Graças à nostalgia dos anos de chumbo, a caserna abre-lhe as portas dos quartéis em reiteradas campanhas. As Forças Armadas precisam melhorar o currículo de formandos em Agulhas Negras.

Parlamentar, cria expedientes ilícitos com verba pública em proveito próprio, com “rachadinhas” em gabinetes. Se a corrupção custa a colar no sobrenome é porque o dogma neoliberal, de que o Estado é o Grande Ladrão, dá cem anos de perdão a quem rouba o erário. Os filhos 01, 02, 03 e 04 orgulham a ascendência patriarcal; a filha é tratada como resultado da “fraquejada” (*sic*). A misoginia bolsonarista é reveladora do caráter putrefato da extrema direita, nos vis ataques às mulheres.

Resta aos que se recusaram ouvir o ruído dos pedreiros em 2013, 2015 e 2018 lamentar o descuido das contingências. Como os versos do poeta grego-otomano Konstantinos Kaváfis (1863-1933): “Quando ergueram mal notei os muros, esses / Isolaram-me do mundo sem que eu percebesse”. Não dá para dizer que é difícil a escolha do voto, em outubro. A esta altura do campeonato, é questão de caráter.

***Luiz Marques*** é Docente de Ciência Política na UFRGS, ex-Secretário de Estado da Cultura no Rio Grande do Sul.

Compartilhe nas redes: